

Cinco poemas de Katherine Mansfield

Inês Dias

Tradução

AO LONGO DA GRAY'S INN ROAD

Sobre um céu opaco, nuvens cinzentas que se movem pesadamente, como as asas de pássaros cansados. Vento que sopra: à luz crua, edifícios e pessoas parecem subitamente grotescos – esculpido com demasiada pressa, chamados maliciosamente à existência.

Uma pequena procissão que avança ao longo da Gray's Inn Road. À frente um homem, entre os varais de um carrinho de mão que geme sob o peso de um realejo, e duas trouxas. O homem é pequeno e de um castanho esverdeado, com a cabeça inclinada para a frente, o rosto coberto de suor. O realejo é de um vermelho vivo, com uma “imagem de dança” azul e dourada de ambos os lados. A trouxa grande é uma mulher. Só vemos um impermeável preto encimado por um chapéu de marinheiro; a trouxa pequena ao seu colo tem pernas muito brancas e botas amarelas dependuradas entre as pontas soltas do xaile. Seguem-se dois rapazinhos, que caminham com passos curtos, olhando fixamente para o chão, como se tivessem medo de tropeçar nos próprios pés.

Nenhuma palavra é pronunciada; nunca levantam os olhos. Mas este silêncio e esta preocupação conferem ao seu avanço uma estranha dignidade.

São como peregrinos que se dirigem penosamente para Nenhures, arrastando, e segurando, e seguindo o vermelho vivo dessa coisa triunfante com a “imagem de dança” azul e dourada de ambos os lados.

ALONG THE GRAY'S INN ROAD

Over an opaque grey sky clouds moving heavily like the wings of tired birds. Wind blowing: in the naked light buildings and people appear suddenly grotesque – too sharply modelled, maliciously tweaked into being.

A little procession wending its way up the Gray's Inn Road. In front, a man between the shafts of a hand-barrow that creaks under the weight of a piano-organ and two bundles. The man is small and greenish brown, head lolling forward, face covered with sweat. The piano-organ is bright red, with a blue and gold "dancing picture" on either side. The big bundle is a woman. You see only a black mackintosh topped with a sailor hat; the little bundle she holds has chalk-white legs and yellow boots dangling from the loose ends of the shawl. Followed by two small boys, who walk with short steps, staring intensely at the ground, as though afraid of stumbling over their feet.

No word is spoken; they never raise their eyes. And this silence and pre-occupation gives to their progress a strange dignity.

They are like pilgrims straining forward to Nowhere, dragging, and holding to, and following after that bright red, triumphant thing with the blue and gold "dancing picture" on either side.

Houve em tempos um rapaz.
Ele vinha brincar no meu jardim;
Era bastante pálido e calado.
Mas, quando sorria, eu sabia tudo sobre ele,
Sabia o que trazia nos bolsos,
E sabia o toque das suas mãos nas minhas mãos
E as inflexões mais íntimas da sua voz.
Levei-o por todos os caminhos secretos,
Para lhe mostrar o esconderijo dos meus tesouros.
Deixei-o brincar com eles, cada um deles,
Fechei os meus pensamentos melodiosos numa gaiolinha de prata
E dei-lhos, para que os guardasse...
O jardim era muito escuro
Mas nunca suficientemente escuro para nós. Atravessávamos em bicos de pés as
[sombras mais profundas;
Banhávamo-nos nos remansos de obscuridade sob as árvores,
Fingindo que estávamos no fundo do mar.
Uma vez – perto do limite do jardim –
Ouvimos passos que percorriam a estrada do Mundo;
Oh, como ficámos assustados!
Murmurei: “Alguma vez passaste por aquela estrada?”
Ele assentiu com a cabeça, e sacudimos as lágrimas dos nossos olhos...

Houve em tempos um rapaz.
Ele vinha – sempre sozinho – brincar no meu jardim;
Era pálido e calado.
Quando nos conhecemos, beijámo-nos,
Mas, quando se foi embora, não nos despedimos sequer com um aceno.

There was a child once.
He came to play in my garden;
He was quite pale and silent.
Only when he smiled I knew everything about him,
I knew what he had in his pockets,
And I knew the feel of his hands in my hands
And the most intimate tones of his voice.
I led him down each secret path,
Showing him the hiding-place of all my treasures.
I let him play with them, every one,
I put my singing thoughts in a little silver cage
And gave them to him to keep...
It was very dark in the garden
But never dark enough for us. On tiptoe we walked among the deepest shades;
We bathed in the shadow pools beneath the trees,
Pretending we were under the sea.
Once – near the boundary of the garden –
We heard steps passing along the World-road;
Oh, how frightened we were!
I whispered: “Have you ever walked along that road?”
He nodded, and we shook the tears from our eyes...

There was a child once.
He came – quite alone – to play in my garden;
He was pale and silent.
When we met we kissed each other,
But when he went away, we did not even wave.

O HOMEM DA PERNA DE PAU

Havia um homem que vivia muito perto de nós
Tinha uma perna de pau e um pintassilgo numa gaiola verde
Chamava-se Farkey Anderson
E tinha estado numa guerra para arranjar aquela perna.
Sentíamos muita pena dele
Pois tinha um sorriso tão bonito
E era um homem tão grande a viver numa casa mesmo pequenina
Quando ele andava na rua a sua perna não fazia grande diferença
Mas quando andava na sua casa pequenina
Fazia um barulho horrível.
O Irmãozinho dizia que o pintassilgo dele cantava mais alto do que todos os outros
[pássaros
Para o homem não ter de ouvir a sua pobre perna
E ficar demasiado triste com isso.

THE MAN WITH THE WOODEN LEG

There was a man who lived quite near us
He had a wooden leg and a goldfinch in a green cage
His name was Farkey Anderson
And he had been in a war to get his leg.
We were very sad about him
Because he had such a beautiful smile
And was such a big man to live in a very little house.
When we walked on the road his leg did not matter so much
But when he walked in his little house
It made an ugly noise.
Little Brother said his goldfinch sang the loudest of all other birds
So that he should not hear his poor leg
And feel too sorry about it.

MALADE

O homem no quarto ao lado
Tem a mesma doença do que eu
Quando acordo de noite ouço-o a virar-se
E depois ele tosse
E eu tusso
E ele tosse de novo –
Isto prolonga-se por muito tempo –
Até eu sentir que parecemos dois galos
Que se chamam um ao outro num falso amanhecer
Em recônditas quintas distantes.

MALADE

The man in the room next to mine
Has got the same complaint as I
When I wake in the night I hear him turning
And then he coughs
And I cough
And he coughs again –
This goes on for a long time –
Until I feel we are like two roosters
Calling to each other at false dawn
From far away hidden farms.

ESTUDO: A MORTE DE UMA ROSA

É uma sensação que nunca se consegue esquecer, estar sentada a sós, quase às escuras, e contemplar a morte vagarosa, suave, sombria de uma Rosa.

Oh, ver a perfeição das perfumadas pétalas transformar-se muito levemente, como se uma débil chama tivesse beijado cada uma delas com o seu quente sopro, e onde as feridas sangraram a cor se tornasse barbaramente intensa... Tenho à minha frente uma Rosa assim, num copo fino, transparente, e atrás dela um pequeno ramo de folhagem escarlate. Ontem estava bela, com uma certa beleza serena, comovente, virginal; estava forte e sadia, e o aroma era fresco e estimulante.

Hoje está pesada e lânguida dos amores de mil Criaturas estranhas que, atraídas pela luz dourada da minha vela, surgiram à Hora Púrpura e a beijaram acaloradamente na boca, sugando-a para os seus belos lábios com um desejo dilacerante e apaixonado.

... E agora deve morrer... E eu ouço... pois sob a dobra de cada pétala jaz a sombra de uma melodia morta, tão frágil e tão repleta de sugestão como um raio de luz num remanso escuro. Oh, divina e doce Rosa. Oh, exótica e fugidia e deliciosamente vaga Morte.

Afasto-me dos entediantes soluços e arquejos, e dos gritos ásperos e guturais, e dos movimentos grosseiros e repulsivos do corpo do Homem moribundo, e, a sorrir, debruço-me sobre ti, para assistir à tua delicada, primorosa Morte.

STUDY: THE DEATH OF A ROSE

It is a sensation that can never be forgotten, to sit in solitude, in semi-darkness, and to watch the slow, sweet, shadowful death of a Rose.

Oh, to see the perfection of the perfumed petals being changed ever so slightly, as though a thin flame had kissed each with hot breath, and where the wounds bled the colour is savagely intense... I have before me such a Rose, in a thin, clear glass, and behind it a little spray of scarlet leaves. Yesterday it was beautiful with a certain serene, tearful, virginal beauty; it was strong and wholesome, and the scent was fresh and invigorating.

To-day it is heavy and languid with the loves of a thousand strange Things, who, lured by the gold of my candlelight, came in the Purple Hours, and kissed it hotly on the mouth, and sucked it into their beautiful lips with tearing, passionate desire.

... So now it dies... And I listen... for under each petal fold there lies the ghost of a dead melody, as frail and as full of suggestion as a ray of light upon a shadowed pool. Oh, divine sweet Rose. Oh, exotic and elusive and deliciously vague Death.

From the tedious sobbing and gasping, and hoarse guttural screaming, and uncouth repulsive movements of the body of dying Man, I draw apart, and, smiling, I lean over you, and watch your dainty, delicate Death.